

Uma história Zen:

Dois monges estavam discutindo sobre uma bandeira ao vento.
Um deles disse: "A bandeira está se movendo".
O outro respondeu: "Não. O vento está se movendo".
O sexto patriarca, que estava passando nesse exato momento, esclareceu:
"Nem o vento, nem a bandeira: a mente está se movendo".

Conta-se que antes de tornar-se o sexto patriarca, Hui Neng era um pobre lenhador de nome Shu que cuidava da mãe, idosa e doente, com o fruto do seu trabalho. Um dia, quando vendia sua lenha na praça do mercado da vila onde morava, ele ouviu um monge recitando o Sutra do Diamante e ficou maravilhado com o que ouvia. "Onde posso aprender essas palavras?" Perguntou ao monge.

"Muito longe daqui, entre as montanhas mais altas e frias, fica o mosteiro de onde venho; lá você pode aprender", respondeu o monge.

"Que pena" – murmurou Shu, mais para si mesmo. "Mas não posso ir, minha mãe é doente, e necessita de mim e do meu trabalho para sobreviver" – disse ao monge.

O monge notou sinceridade em seus olhos e, tirando uma bolsa de ouro de dentro do manto, disse: "Tome isto, dê para sua mãe, que ficará bem para o resto de seus dias, e dirija-se ao mosteiro, como pede seu coração".

Shu ficou muito feliz, fez como o monge lhe sugeriu. A mãe também ficou feliz, se sentiu segura e bem provida; ficou feliz por ele e o abençoou dizendo: "Isso mesmo! Vá meu filho! Vá em direção a Si mesmo! E Shu se pôs a caminho.

Depois de muito andar, subir e descer montanhas para tornar a subir, e muitos meses depois, Shu chegou ao grande portão do mosteiro. Bateu sem temor, e aguardou. "Quem é você? Que você quer?", perguntou-lhe alguém lá de dentro.

"Sou Shu, o lenhador, e quero aprender com vocês", respondeu-lhe.

"Está bem, estamos precisando de um lenhador, você pode ficar, e cuidar disso; depois veremos sobre o aprender".

Shu ficou muito feliz de ser aceito no mosteiro e logo começou a trabalhar com afinco. Era diligente e prestativo e logo foi transferido para pilador de arroz, cuidando de conseguir que o arroz perdesse a casca e se tornasse branco com seu trabalho no pilão.

Nesse meio tempo, o Mestre do mosteiro, conhecido como quinto patriarca da linha de Bodidarma, que havia trazido o budismo para a China, percebeu que sua morte se aproximava, e que precisava escolher seu sucessor entre seus discípulos.

Seus discípulos eram muitos; entre eles se destacava Chang, aquele em quem o mestre depositava sua mais alta confiança, estudante aplicado, diligente e sério; aquele a quem o mestre confiava o mosteiro e os ensinamentos para os outros discípulos, quando precisava se ausentar. Mas não podia simplesmente nomeá-lo seu sucessor, pois conhecia seu coração e sabia-o ainda imaturo.

Por isso sugeriu que cada um de seus discípulos escrevessem um *ghata* - pequeno poema que traduz o estado

de Ser - e que o levassem para ele. Com isso poderia ver o estado de cada um, e decidir. Se Chang estivesse pronto, ele poderia confirmar assim.

Bem, Chang prontamente pensou que havia chegado a oportunidade que sempre esperara.

Todos os outros discípulos pensaram que Chang, sendo o melhor deles, certamente seria o escolhido, e nem se permitiram escrever um *gatha*.

Chang escreveu seu poema e se dirigiu à cela do mestre para mostrá-lo. Quando ia bater na porta, toda sua confiança desapareceu. Pôs-se a pensar que talvez não estivesse muito bom o seu *gatha*, que todos esperavam o melhor dele e que talvez não estivesse a altura, que o mestre também esperava que ele fosse o melhor e não podia decepcioná-lo. O fato é que voltou ao seu quarto sem entregá-lo. Para tornar a voltar à porta do mestre e, de novo, não conseguir bater...

Por três vezes assim ensaiou, até que, já bastante nervoso, suando frio, com um bolo no estômago, coração disparado, pensando até que ia morrer, teve a brilhante idéia de escrever seu poema na parede, onde todos poderiam ver e, se o mestre o aprovasse, ele se identificaria.

E escreveu:

O Corpo é a Árvore da Sabedoria.

A Mente é um Espelho Brilhante.

Trate de limpá-la momento por momento.

Não deixe que se acumule a poeira.

No dia seguinte, todos viram o poema e se admiraram; logo pensaram: "deve ser de Chang, que é mesmo um sábio; certamente é o escolhido". E logo se puseram a decorar o *ghata* e a recitá-lo.

O mestre, ouvindo o burburinho, logo correu para ver o que se tratava e lendo o poema pediu que seu autor se apresentasse em seu quarto. Chang logo apareceu e o mestre lhe disse: "Seu poema denota conhecimento, mas você não foi capaz de entregá-lo a mim, portanto vá e escreva outro. Se você puder trazê-lo, poderá ser o escolhido".

Shu continuava pilando arroz quando ouviu um dos discípulos recitando o *gatha* de Chang. Gostou do que ouviu e perguntou o que estava havendo, pois tinha percebido o alvoroço, e todos passavam por ele recitando aquele poema.

O monge lhe explicou o que se passava e o convidou para ver as palavras na parede.

Chegando lá Shu lhe pediu que lesse cuidadosamente as palavras, pois ele mesmo não as poderia ler, pois era analfabeto. O monge fez isso prontamente e Shu, maravilhado, falou: "Também quero escrever um *ghata*, você escreve para mim, por favor, já que sou analfabeto?" O que o monge, com estranhamento, mas condescendente, se dispôs a fazer para o pobre pilador de arroz.

Então Shu ditou:

A Sabedoria nunca foi uma Árvore.

A Mente nunca foi um Espelho.

Na verdade não existe coisa alguma.

Onde vai se ajuntar a poeira?

E foi continuar seu trabalho, feliz da vida.

O monge, e todos outros condiscípulos que passavam, achavam as palavras um tanto estranhas, até *sem* muito sentido, mas... que podiam esperar de um pobre pilador de arroz analfabeto?

Mas aquilo criou uma certa comoção no mosteiro e logo o mestre correu para ver do que se tratava. Olhando as palavras de Shu ao lado das de Chang, logo descalçou seus sapatos, apagou-as para evitar comparação, perguntou quem havia escrito aquilo, e ao saber quem foi, imediatamente se dirigiu ao lugar onde Shu trabalhava.

“E então, já está branco o arroz?” Perguntou sem maiores introduções.

"Sempre estive - respondeu Shu prontamente - eu só trabalho para que a brancura se expresse completamente", disse com respeito; e continuou seu trabalho.

O mestre imediatamente chamou-o à sua cela, onde Shu entrou sem pestanejar, e o reconheceu como seu sucessor. E Chang? Não ouvimos mais falar dele.

Shu se tornou o sexto Patriarca da linhagem de Bodidarma na tradição Ch'an do budismo na China com o nome de Hui Neng. O budismo Ch'an é o budismo Zen no Japão.

Recontado livremente por Moacir Amaral, na lembrança da versão apresentada no livro “Textos Budistas e Zen Budistas” de Ricardo Mario Gonçalves, editado pela Cultrix/Pensamento há muitos anos